

**DIÁLOGOS DA HISTÓRIA CULTURAL: UM ESTUDO SOBRE HISTÓRIA E
LITERATURA EM O *ROMANCEIRO DA INCONFIDÊNCIA MINEIRA* DE,
CECÍLIA MEIRELLES.**

Alberto Alves da Silva¹

Resumo: O presente trabalho tem como intuito analisar os fundamentos da História Cultural, como base precursora para o diálogo entre história e literatura. Neste estudo utilizamos como referência a obra: *Romanceiro da Inconfidência* de Cecília Meireles. Publicado em 1953, a obra reescreve, de forma poética, o contexto histórico dos eventos da Inconfidência Mineira, uma das maiores rebeliões na história do Brasil- colônia.

Palavras-chave: História Cultural, Literatura e História, Inconfidência Mineira.

Abstract: This paper is meant to examine the foundations of Cultural History, based precursor to the dialogue between history and literature. In this study we use as a reference work: *The Ballads of Conspiracy*, Cecilia Meirelles. Published in 1953, the work rewrites, in a poetic form, the historical context of events in Minas Conspiracy, one of the largest riots in the history of colonial Brazil.

Keywords: Cultural History, Literature and History, Minas Conspiracy.

Introdução

Para o historiador é necessário, entre outras atitudes, reescrever a História constantemente, discutir novas fontes documentais e usar a interdisciplinaridade, pois através deste caminho, podemos olhar o passado histórico e perceber o quanto ele está vivo. Assim, construiremos a cada narrativa, ou em cada vestígio deixado pelos historiadores, uma nova perspectiva, um novo significado que possa colaborar para a reinterpretação do passado e servir de base na construção do presente e futuro.

A opção por utilizar a Literatura como uma das primeiras fontes do processo de reconstrução da História delega a essa pesquisa a tarefa de compreender a existência, ou não, de fronteiras entre os dois gêneros. A ação de reescrever o passado utilizando a ficção permite ao historiador navegar em correntes profundas, pois ele adentra ao imaginário social

¹Alberto Alves é graduado em História pela Universidade Estadual de Goiás, membro da CPT – GO, atuando como voluntário no grupo de formação sobre o trabalho escravo, e Reforma Agrária em Goiás. Professor da rede pública de Ensino SEDUC-GO. Atualmente tem desenvolvido pesquisas na área de história cultural e o controle do imaginário. É colaborador do Projeto RESISTÊNCIA DA MEMÓRIA CULTURAL: uma contribuição da poesia, coordenado pela prof^a Dr^a Maria Severina Batista Guimarães, UnU de São Luís de Montes Belos. e-mail:albertosilva.historia@gmail.com.

revitalizando dessa maneira a memória cultural de um povo, trazendo à tona os vestígios culturais que estavam em total esquecimento.

É com esse compromisso que este estudo tenta desenvolver novos olhares sobre a reconstrução do passado, que necessita a cada dia estar presente em nosso cotidiano. Em nossa modernidade tardia necessitamos estabelecer um resgate pertinente à identidade cultural que, com o evento da globalização, está em um processo de fragmentação.

Assim, tanto a história quanto a literatura assumem um papel primordial para a revitalização da memória cultural, pois elas apresentam em sua constituição traços que evidenciam a cultura do indivíduo que está em constante mudança com o advento da pós-modernidade.

Neste trabalho, analisaremos a obra *Romanceiro da Inconfidência*, de Cecília Meirelles, na perspectiva de reescrever um dos maiores conflitos da história do Brasil colonial, utilizando-se de dois gêneros que são a história e a literatura que se entrecruzam entre si para a análise da historiografia oficial brasileira que detêm em sua constituição o enaltecimento a heróis nacionais como Tiradentes, figura principal do movimento dos inconfidentes, que lutava pela liberdade da Colônia frente à metrópole Portugal.

Nossa problemática está em compreender a diferença substancial entre o registro histórico e o literário, para a reescrita do passado, e exatamente como o historiador reage a novas perspectivas dentro da historiografia contemporânea. No entanto, para a realização desta tarefa, explicaremos a influência da História Cultural, para o desenvolvimento do revisionismo da historiografia que vem deste a década de 1960, dialogando com outras áreas do conhecimento, e uma delas é a própria literatura.

História Cultural: Novas Abordagens.

Na segunda metade do século XIX, com o avanço do capitalismo industrial, a sociedade mundial vivia momentos de incertezas de um controle social através da corrente positivista. Esse modelo de organização social era pautado pela neutralidade do conhecimento científico, que tornava as pesquisas históricas um instrumento ideológico fomentado pela técnica e a imparcialidade do conhecimento.

Os historiadores se viam confinados nesses modelos altamente objetivos e os estudos que não atendessem a essas expectativas eram negados pelas esferas dos discursos tidos como oficiais. A literatura, nessa época, também se adequou a esses princípios, universalizando seus temas e apelando para descrições neutras e objetivas.

Com o início do século XX, a sociedade começou a perceber que os estudos acadêmicos precisavam tomar novos rumos teóricos e metodológicos, alargando suas temáticas e contemplando novas fontes para que se pudessem refletir melhor sobre os fatos sociais, principalmente aqueles que estão mais ligados ao homem, à vida cotidiana, às práticas culturais.

Com engajamento, a historiografia francesa saiu na frente como pioneira na abertura de novos paradigmas para a realização de estudos e pesquisas acadêmicas. Sem dúvida, a partir dos anos 30 do século XX, com o surgimento da Escola dos Annales², novos olhares sobre estudos foram surgindo, proporcionando, assim, o intercâmbio entre as diversas áreas do conhecimento.

A relação entre história e literatura passou a ser um ponto de análise de vários historiadores que se interessaram em reconstruir a História através de outros ângulos, utilizando de outras fontes. Na década de 60, este dialogismo entre essas duas áreas do conhecimento se intensificou em patamares inimagináveis. Este fato é apontado pela autora Sandra Pesavento em seu livro: *História e História Cultural* (2004), segundo a autora:

As alterações ocorridas no âmbito da História, porém, datavam de bem antes, se levarmos em conta o panorama internacional. Podemos talvez, situar, os sintomas da mudança dos anos 1970, ou mesmo um pouco antes, com a crise de maio de 1968, com a Guerra do Vietnã, a ascensão do feminismo, o surgimento da New Left, em termos de cultura, ou mesmo a derrocada dos sonhos de paz do mundo pós- guerra. Foi quando se insinuou a hoje tão comentada crise dos paradigmas explicativos da realidade, ocasionando rupturas epistemológicas profundas que puseram em xeque os marcos conceituais dominantes na História. (PESAVENTO, 2004, p.8).

Todas essas mudanças citadas por Pesavento correspondem a uma nova era para a historiografia mundial, engajada pelo revisionismo de fontes e abertura de novos olhares, rompendo assim com as correntes tradicionais que influenciavam a escrita da história, como a própria corrente do Annales e o marxismo.

É necessário compreendermos que sobre o caso da Escola do Annales, com a crise de paradigmas então instalada, não há uma ruptura completa com as matrizes originais desta corrente de pensamento, que foi a precursora desta grande renovação dentro do âmbito da historiografia do século XX, por abordar a necessidade da interdisciplinaridade na pesquisa histórica.

²Uma boa indicação de leitura sobre o assunto é a obra de Peter Burke, *A Escola dos Annales*, nela se detecta a formulação dessa corrente que tanto influenciou a historiografia contemporânea.

Utilizar as ferramentas da História Cultural como um viés que dá possibilidade aos estudos interdisciplinares não significa comprometer as metodologias da produção da historiografia por conta de adentrar no campo da ficcionalidade. Pelo contrário, o que se faz é uma revisão de fontes em busca do real, e a literatura é uma dessas fontes que se baseia no imaginário, reconstruindo desta forma traços da memória.

Segundo Roger Chartier, um dos principais estudiosos desta corrente, “A história cultural, tal como a entendemos, tem por principal objeto identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade social é construída, pensada, dada a ler” (CHARTIER, 2002, pgs.16-17).

A literatura é compreendida aqui não apenas como um documento para o historiador analisar metodicamente, mas ela é um suporte para reconstrução do fato histórico, por apresentar o elemento da representação como linha mestra para descobrir vestígios ocultos, traços que estão esquecidos na memória da sociedade, e que precisam ser revitalizados.

Diante dessa elaboração teórica, vamos a partir deste momento abordar os elementos que explicam essa relação entre semelhanças e fronteiras entre a História e a Literatura, estabelecendo a diferença entre o veto ficcional, e o veto real, e a sua influência para o papel do historiador em reescrever constantemente o passado.

História e Literatura: A reescrita do passado.

Desde a Antiguidade, com os gregos havia uma necessidade pertinente em registrar os fatos ocorridos no passado. A literatura foi a pioneira em narrar alguns acontecimentos marcantes da vida do povo grego que, notadamente, seriam registrados em sua memória. As obras de Homero (Ilíada e Odisseia), relatam em poesia as guerras que foram responsáveis pela formação desta sociedade.

A História surgiu sob inspiração da poesia e da eloquência que marcam, em princípio, a apreensão mítica da realidade deste povo que creditava sua origem à interferência de sua religião politeísta profundamente difundida. Todavia com a preocupação em romper com a mitologia na busca de um pensamento racional, surgiram os primeiros historiadores, pesquisadores que buscavam a verdade histórica.

Nesta fase se destacam os nomes de Heródoto (484-425), conhecido como o “pai da história”, e Tucídides (460- 400), considerado o fundador da história científica. Foram eles os precursores do termo “História” que significa para o crítico resoluto dos positivistas Henri Marrou “o conhecimento do passado humano, o testemunho dos acontecimentos da realidade”

(CITRON, 1990,pág.39). Neste momento a história passou a desempenhar um compromisso com o real.

Reescrevendo o passado, por sua vez o historiador desenvolveu o papel de investigador do real, uma espécie de hermeneuta do tempo. O historiador francês Michel de Certeau, em seu livro *A Escrita da História* estabelece duas posições que explicam o real de maneira científica. Segundo ele:

Se recapitularmos esses dados, a situação da historiografia faz surgir interrogação sobre o real em duas posições bem diferentes do procedimento científico: o real enquanto *é o conhecido* (aquilo que o historiador estuda, compreende ou "ressuscita" de uma sociedade passada) e o real enquanto *implicado* pela operação científica (a sociedade presente a qual se refere a problemática do historiador, seus procedimentos, seus modos de compreensão e, finalmente, uma prática do sentido). De um lado o real é o *resultado* da análise e, de outro, é o seu *postulado*. Estas duas formas da realidade não podem ser nem eliminadas nem reduzidas uma a outra. A ciência histórica existe, precisamente, na sua relação. (CERTEAU, 1982, pg.40).

Podemos perceber que a construção do real perpassa pela formação de mentalidades ambíguas, que podem interferir no resultado da pesquisa histórica, compete assim ao historiador optar pelo caminho do método mais seguro para constatação da veracidade. É dentro desse contexto da veracidade que se apresenta a distinção entre a história e a literatura, que foi pela primeira vez exposta pelo filósofo grego Aristóteles em seu livro: *A Poética Clássica*; aponta ele:

Não é em metrificar ou não que diferem o historiador e o poeta; a obra de Heródoto podia ser metrificada; não seria menos uma história com o metro que sem ele; a diferença está em que um narra acontecimentos e o outro, fatos que podiam acontecer (ARISTÓTELES, 1997, p. 28).

Na argumentação do filósofo Aristóteles, podemos detectar o papel de ambos os campos do saber que são objeto de nosso estudo. Segundo a sua visão, a história tem o compromisso com a veracidade dos fatos, do que realmente ocorreu no passado, e a literatura desenvolve papel de propugnar uma profecia utópica para a construção de uma realidade provável.

Para Roger Chartier, um dos principais precursores da então denominada História Cultural, a semelhança entre esses dois campos respectivos está na aproximação histórica de ambos os textos. Segundo sua visão, é preciso identificar as estruturas que formam o texto, que são: a sua fixação no tempo, a sua atribuição para o leitor e a caracterização de sentido.

Mesmo citando esses três elementos, o autor defende a necessidade de se distanciar desses supostos mecanismos para a compreensão de sua produção. Para ele é importante analisar o discurso proferido e suas verdadeiras implicações para o leitor. Ele aponta que : “É preciso compreender a sua historicidade e instabilidade” (CHARTIER, 2000, pág. 197). Em outra obra intitulada *A história ou a leitura do tempo* (2009), o autor expõe a diferença entre história e ficção. Segundo ele:

Entre história e ficção, a distinção parece clara e resolvida se aceita que, em todas as suas formas, (místicas, literárias, metafóricas), a ficção “é um discurso que informa o real, mas não pretende representá-lo, nem abordar-se nele”, enquanto a história pretende dar uma representação adequada da realidade que foi e já não é. Neste sentido o real é ao mesmo tempo objeto e fiador do discurso da história. (CHARTIER, 2009, págs. 24-25).

É a partir desse testemunho que podemos detectar a relação entre proximidade e distância que permeia esse encontro de duas disciplinas irmãs como são a história e a literatura. Ambas têm a função de representar uma ocorrência do tempo, através do discurso da realidade em questão. A realidade é vista pela literatura como um processo imaginativo, criativo do autor que busca escrever um enredo, mas não necessita certificá-lo no tempo.

A história, por sua vez, constrói o seu discurso através do conjunto de experiências e ideias que foram já testemunhadas, por um ciclo de pessoas que vivem em comunidade. É um relato descrito enfocando personagens reais que têm o poder de interferir na própria passagem do tempo. A diferença entre o escritor e o historiador está nesta interferência do mundo real, o historiador, para reconstruir o passado, necessita participar como construtor desta nova realidade que ainda está sendo redescoberta, ele é um agente social, que escreve e faz a história ao mesmo tempo.

O escritor segundo a visão de Chartier desenvolve um outro papel que é a criação especulativa do que seria o próprio testemunho do tempo, ele projeta um panorama novo para a realidade, e pode modificá-lo sempre que desejar. Ele vive o mundo real, mas em sua produção representa a fantasia e o sonho.

O elo de ligação que fomenta esta relação possível entre dois gêneros citados seria a própria representação do real que ambos realizam em uma determinada conformidade. Para o

historiador chegar ao real necessita de um método investigativo, onde ele é o próprio cientista. O escritor é um inventor de cenários que se originam de sua imaginação fértil, e sensibilidade para com o mundo. História é uma ciência do conhecimento, a Literatura é a arte expressada pelo homem, em que é exaltada a sua relação com a natureza.

Acreditamos assim que o diálogo entre a história e a literatura é possível, pois ambos reescrevem a realidade carregada de significados e sentimentos para o leitor. Porém existe a fronteira que limita esta relação de proximidade que se baseia na interpretação do real. Dentro desse contexto da representação do real, vamos agora discutir a obra *Romanceiro da Inconfidência*, que aborda o entrelaçamento entre história- literatura em poesia.

Romanceiro da Inconfidência: A literatura reescrevendo a história.

Em meados do final do século XVIII, eclodiu nos arredores de Vila Rica uma rebelião de grande repercussão na história do Brasil-colonial, fruto do descontentamento de uma elite de fazendeiros e intelectuais que ansiavam o perdão de suas dívidas e autonomia política. A Inconfidência representa um marco para a sociedade brasileira, por contribuir para a formação de uma identidade nacional dos brasileiros que naquela época eram subjugados pelo governo da corte portuguesa.

Fonte de inspiração para historiadores e poetas, a Conjuração Mineira foi entendida como um retrato de um nacionalismo provinciano iniciante, que influenciou as mentalidades de um povo em questão. Sob sua formação se apresentam os traços do herói nacional: Tiradentes, figura de grande polêmica na historiografia brasileira e considerado por muitos estudiosos como um mártir nacional.

O *Romanceiro da Inconfidência*, da autora Cecília Meireles, escrito em 1953, narra em poesia os principais acontecimentos desse conflito. De uma maneira original e profunda, a autora destaca a figura de Tiradentes: “O alferes”, como demonstra um trecho do romance XXVII:

Não há planta obscura
Que por ali medre
De que ele desconheça
Virtude que encerre
- Ele, o curandeiro
De chagas e febres,
o hábil Tiradentes,
o animoso Alferes
(MEIRELES, 2005 p.81)

Constituído por cinco falas, quatro cenários, uma serenata imaginativa, um retrato e oitenta e cinco romances, a obra descreve a organização social da capitania de Minas no século XVIII, que tinha como atividade econômica na época a exploração das minas de ouro e diamantes. Como Sodré explica:

A mineração configura a desvalia da terra. Não é a propriedade da terra que tem importância; só o ouro tem importância. Esgotado o veio, a terra em si não tem valor, e o minerador passa adiante, em busca de outra área. Não disputa um título de propriedade, mas um título de concessão para minerar. (SODRÉ, 1990, pág. 136).

Como podemos perceber, à administração das minas de ouro era pautada a concessão de títulos de terras a mineradores de confiança da coroa portuguesa que em troca deveriam ser fiéis à rainha, além de pagarem altos tributos ao reino de Portugal. Um desses tributos era o quinto, ou seja, a quinta parte do ouro que devia ser recolhido para as Casas de fundição. Sobre o fator dos altos impostos é que se configuram os motivos que impulsionaram a articulação do movimento. Segundo Chavienato:

Pode-se dizer que estes são os fatos concretos: uma situação econômica difícil, motivada pela cobrança de impostos excessivos provocada pela mecânica colonialista que saqueia o Brasil, mais a pressão externa da Inglaterra sobre Portugal, que geram condições políticas para a Inconfidência Mineira. (CHIAVIENATO, 1994, pág.36).

Por volta de 1780, a escassez de ouro se acentuava em toda a colônia, dada a rudimentar técnica de exploração que os portugueses utilizavam nas encostas dos rios, e o contrabando de metais preciosos, prática muito comum na época. Em Minas o cenário não era diferente, os mineradores tinham que pagar suas dívidas à coroa e, por outro lado, o governo português havia ameaçado a cobrança da “derrama”, fato esse que gerou grande insatisfação para a elite de Vila Rica.

Este grupo social era composto por fazendeiros, militares, poetas, padres e outros profissionais liberais, que se sentiam prejudicados com a introdução da “Derrama”³ e a perda sucessiva de cargos administrativos dentro da capitania. A partir desses impasses políticos entre a colônia e a metrópole, havia uma única solução possível para essa elite: a revolução.

³Segundo Chiavienato a derrama consistia na cobrança completa dos impostos, que os mineiros deviam a Família Real.

Influenciados pelos exemplos da revolução francesa e norte-americana que assim triunfaram, os inconfidentes⁴ planejavam uma evidente república cuja capital seria São João del Rei. Apesar das mudanças propostas, a estrutura político-econômico não se transformaria, pois o motivo que interessava os revoltosos para a participação do movimento era o perdão de suas dívidas, e não uma mudança que beneficiasse todas as pessoas da sociedade.

No final do ano de 1788, os inconfidentes começaram a conspirar, eles detinham um plano para tomar o controle administrativo da capitania, que consistia na formação de um levante armado que se iniciaria com o decreto da derrama. Os revoltosos acreditavam que poderiam ganhar adesão popular, fato esse que processaria a queda do governo. Só que as suas intenções foram interrompidas com a descoberta do plano de ação.

Em um ato de astúcia, o governador, conde de Barbacena, não decretou a cobrança da derrama, por receber informações seguras acerca do momento marcado para a rebelião que tinha o interesse de derrubar seu governo e tirar a sua vida. Momentos antes da eclosão da revolta, o governador havia recebido a denúncia tardia de Joaquim Silvério dos Reis, um dos participantes da rebelião, que em troca das informações ganhou o perdão de suas dívidas. Um trecho do romance XXVIII diz:

Aí, que o traiçoeiro invejoso
Junta ás ambições a astúcia.
Vede a pena como enrola
Arabescos de volúpia,
entre as palavras sinistras
desta carta de denúncia!
(MEIRELES, 2005 p. 87)

O resultado disso não pode ter sido outro com o fim de uma revolta que nem chegou a se concretizar, culminando dessa maneira com a prisão de seus principais líderes envolvidos, como: Tomás Antônio Gonzaga, Cláudio Manuel da Costa, Álvares Maciel, entre outros, e o próprio Joaquim José da Silva Xavier, “O Tiradentes”, o único que recebeu a pena de morte. O romance LX fala:

Tudo leva nos seus olhos
Nos seus olhos espantados,
o Alferes que vai passando
para o imenso cadafalso,
onde morrerá sozinho
por todos os condenados.
(MEIRELES, 2005 p.162)

⁴O Inconfidente era conhecido por quebrar o juramento de fidelidade á Coroa Portuguesa, sendo considerado assim um traidor.

Como podemos perceber, no trecho do poema Tiradentes assumiu a responsabilidade pela autoria do movimento, e como consequência desse ato de coragem foi enforcado. Dentro da historiografia brasileira existem controvérsias sobre a atuação do alferes no movimento que nem chegou a acontecer. Maxwell (1978) explica que:

Joaquim José da Silva Xavier não foi o líder da conjura mineira, movimento sem líderes, segundo na declaração dos envolvidos, durante a devassa [...]. Apesar disso, Tiradentes pode ser considerado herói por vários motivos. Em primeiro lugar, por sua personalidade expansiva, tendo desempenhado papel de agitador político do movimento, o que o deixou em posição de vulnerável destaque. Em segundo lugar, porque foi o bode expiatório da conjura mineira, recaindo sobre ele a maior culpa na devassa (MAXWELL, 1978pág. 222).

Para Maxwell, Tiradentes pode ser considerado um herói, por apresentar traços de coragem e ousadia. É dentro dessa perspectiva que a literatura e a história se entrelaçam por reconstruírem eventos do passado. Os poemas de Cecília retratam a construção de uma memória nacional, fomentada pelo imaginário de um povo que necessita de um herói como fonte de inspiração para um projeto social. José Murilo de Carvalho explica que:

A elaboração de um imaginário é parte integrante da legitimação de qualquer regime político. É por meio do imaginário que se pode atingir não só a cabeça mas, de modo especial, o coração, isto é, as aspirações, os medos e as esperanças de um povo. É nele que as sociedades definem suas identidades e objetivos, definem seus inimigos, organizam seu passado, presente e futuro (CARVALHO,1990pág.10).

Com o advento da República, Tiradentes foi referenciado como um herói nacional⁵, símbolo da luta pela liberdade do país, exemplo de coragem a ser seguido pelas gerações futuras. O *Romanceiro* serviu como fonte para a revitalização de um mito nacional, que a historiografia brasileira muito se preocupou em criar.

É preciso salientar que a poesia assume seu compromisso que é exaltar seus personagens, demonstrando a sensibilidade deles para o universo fictício, de onde se originam. Tratando-se do *Romanceiro da Inconfidência*, esse universo é o real, ele se passa no passado e ainda vive na memória da sociedade.

A Inconfidência Mineira representa, dessa forma, a composição de uma identidade cultural que precisa ser sempre resgatada, pois ela representa a memória de um povo que

⁵Uma boa indicação de leitura sobre o assunto é a obra de Paulo Miceli, O mito do herói nacional, que destaca porque Tiradentes foi escolhido como o herói preferido pela sociedade brasileira.

necessita refletir sobre seu passado, para que assim, através dos erros ou acertos cometidos, possamos construir um futuro promissor.

Considerações Finais

A História Cultural, como vimos, possibilita a abertura de novos olhares, a quebra de paradigmas que estão dentro da pesquisa da história. É através desse caráter revisionista na utilização de novas fontes, que acreditamos que a interdisciplinaridade é indispensável nos tempos de hoje. As aproximações aqui estabelecidas entre a história e a literatura fortalecem a ideia de que é necessário reescrever o passado, não importando a metodologia a ser utilizada.

A literatura é uma fonte de inspiração para o historiador adentrar no imaginário, e assim recriar uma nova narrativa. Para Paul Veyne (1998), o historiador seria um romancista que organiza uma série de eventos que tem sua base no real, buscando vestígios nas relações que se formam nos respectivos acontecimentos do passado. Ele afirma que:

Como o romance, a história seleciona, simplifica, organiza, faz com que um século caiba numa página, e essa síntese da narrativa é tão espontânea quanto à da nossa memória, quando evocamos os dez últimos anos que vivemos (VEYNE, 1998 pág. 11).

Assim, acreditamos, pautados pelas referências teóricas de Roger Chartier e Paul Veyne, que o *Romanceiro da Inconfidência* é uma narrativa onde ficção e história se confundem para representar o real. Cecília Meirelles reescreve a história em poesia, narrando eventos que constroem o herói nacional símbolo da memória de um povo

A literatura e a história, como mostramos, fazem uma interlocução para interpretar o passado, pois ambos têm o dom de reescrever o que é vivido, o diálogo entre os dois só é possível dentro das pesquisas historiográficas recentes graças à introdução da História Cultural no currículo da historiografia contemporânea que não omite o seu papel de refletir o passado.

O *Romanceiro da Inconfidência* se configura como instrumento de reflexão para a escrita da história, pois evidencia vestígios ocultos da vida cotidiana de seus personagens reais que podem ficar despercebidos aos olhos dos historiadores, assim a literatura é entendida como uma fonte imensurável para reconstrução do passado. Encontro entre arte e história, elementos que se confundem para recriar a vida

REFERÊNCIAS:

ARISTÓTELES, **A poética clássica**. Trad. Jaime Bruna. 7ªed São Paulo: Cultrix, 1997.

CARVALHO, José Murilo de. **A formação das almas: O imaginário da República no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1990.

CITRON, Suzane. **Ensinar a História Hoje, a memória perdida e reencontrada**. Lisboa, s/d. Livros Horizonte, 1990.

CERTEAU, Michel. **A escrita da História**. Trad. Maria de Lourdes Meneses. 1ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CHARTIER, Roger. **A História Cultural: Entre práticas e representações**. Trad. Maria Manuela Galhado. 2ªed. São Paulo: Difel, 2002.

_____ **A história ou a leitura do tempo**. Trad. Cristina Antunes. s/d. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

_____ “ **Debate: Literatura e História**.” In: Topoi, nº 01, Rio de Janeiro: UFRJ/ 7 Letras, 2000. Pp.197- 216.

CHIAVENATO, Júlio José. **As várias faces da Inconfidência Mineira**. 4ª ed. São Paulo: Contexto, 1994.

MAXWELL, Keneth, R. **A devassa da devassa**. Trad. João Maia. 2ªed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

MEIRELES, Cecília. **O Romancero da Inconfidência**. 3ªed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2005.

PESAVENTO, Sandra Jatahy. **História e História Cultural**. 2ªed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

SODRÉ, Nelson Werneck. **A Formação Histórica do Brasil**, s/d. Rio de Janeiro: Bertrand, 1990.

VEYNE, Paul. **Como se escreve a História e Foucault revoluciona a história**. Trad. Alda Balttar e Maria Auxiliadora Kneipp s/d. Brasília: UNB, 1998.